

EXTERMINISMO E UTOPIA

A estratégia pacifista de E. P. Thompson

Ricardo G. Müller**
Universidade Federal de Santa Catarina

Introdução

A contribuição de E. P. Thompson pode ser definida como única se consideramos um conceito de teoria política que relacione filosofia, história e engajamento político. Sua contribuição, portanto, pode ser observada em diferentes áreas acadêmicas e campos temáticos, como os dos estudos dos movimentos sociais, que exigem rupturas de fronteiras e mediações teóricas mais sistemáticas.

Nesse sentido, os estudos de Thompson valorizam a importância da *práxis* envolvendo as práticas, as experiências, aspirações e os valores comunitários da classe trabalhadora. Dessa forma, um dos aspectos fundamentais do método de Thompson é sua capacidade de formar objetivos e aspirações para aqueles submetidos a circunstâncias políticas adversas, mas que precisam estabelecer e defender sua própria opinião política. Desse modo, um dos princípios básicos de sua análise reside na habilidade de articular a teoria a processos diferentes e em constante mudança.

Para Thompson, o *dissenso*, os movimentos de oposição podem obter vantagens e direitos efetivos para a classe trabalhadora. Tal noção de dissenso implicou, em primeiro lugar, um confronto com as correntes comunistas que não admitiam nenhuma perspectiva de mudança na ortodoxia estabelecida. Em segundo, articulados à noção de *dissenso*, o método e as categorias propostas por Thompson questionam as abordagens ortodoxas de pesquisa das relações sociais e dos mecanismos de interação humana.

Além de seu trabalho teórico e historiográfico, Thompson desenvolveu também uma intensa atividade política orientada por sua concepção de socialismo e pela defesa

** Depto. de Sociología e Ciencia Política e Programa de Pós-graduação em Sociología Política (PPGSP), Laboratório de Sociologia do Trabalho (LASTRO), Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis/SC, Brasil, www.sociologia.ufsc.br e www.lastro.ufsc.br E-mails: rgmuller@superig.com.br e ricardogmuller@uol.com.br.

de seus ideais. Sua presença em movimentos pacifistas – e na organização de documentos, ensaios e livros – revelou até que ponto seu ideal de marxismo estabeleceu um núcleo de convergência de uma tradição de *crítica* e de *práxis* radicais. Seu ativismo político e as constantes polêmicas em que esteve envolvido, associados à importância atribuída aos temas relacionados à luta dos trabalhadores e sua contribuição intelectual para a elaboração de uma “história vista de baixo”, distinguem-no como um dos mais eloquentes e influentes historiadores e intelectuais socialistas ingleses.

Sua interpretação do materialismo histórico se distingue justamente por articular, de forma construtiva, aspirações políticas e processo histórico. O pré-requisito dessa abordagem é o de que toda análise teórica deve ser apreendida na prática do “agir humano” (*agency*) e na medida do diálogo entre teoria e prova (evidência), i. e. teoria e pesquisa empírica, mas sem abandonar a atuação política. A análise dos *sujeitos* envolvidos na construção de seus próprios destinos tornou-se o principal foco dos estudos de Thompson, definindo uma relação de compromisso entre sua própria atuação e o que ele acreditava ser um movimento histórico democrático. A partir desse compromisso e dessa crença, ele entende que toda política, história e teoria socialistas devem participar desse *processo de democratização*.

Liberdade política e desarmamento nuclear

O ativismo político de Thompson prioriza a crítica a dois dos problemas mais cruciais que a classe trabalhadora enfrentou nos últimos anos do século XX – a violação sistemática das liberdades civis e sua *reductio ad absurdum* (redução ao absurdo) na proliferação dos armamentos nucleares. Unindo teoria e prática, Thompson focou seu trabalho em uma série de questões e experiências que, por mais de quarenta anos, guardaram uma significativa consistência e coerente atitude intelectual. Fiel às premissas do marco dos “eventos de 1956”, assume como seus o papel e o compromisso de reafirmar os princípios socialistas em uma luta contra as políticas do estatismo e autoritarismo.¹ Nesse contexto, articulou uma proposta de uma “política vista de baixo” (*politics from below*) à concepção formulada em seu projeto crítico de uma “história vista de baixo” (*history from below*).

¹ Cf. Thompson, E. P. (1991), “Ends and Histories”, in Kaldor, M. (ed) (1991), p. 7-25. Cf. também Bess, M. (1993a, p. 19-38).

A tradição de uma política libertária aliada ao pacifismo nuclear tornou-se o eixo da atividade política de Thompson.

O ponto central dessa dinâmica é a união mediante a luta, união capaz de articular os interesses organizados ao longo do processo histórico, mas eventualmente conflitantes. Thompson considera que nas condições contemporâneas (no caso, sobretudo o início dos anos de 1980), as reivindicações pelas liberdades civis poderiam representar um catalisador para os movimentos populares e consolidar um cenário mais amplo para a luta de classe.

A luta de Thompson pelos direitos civis pode ser demarcada por sua oposição a quatro ações políticas básicas: o apelo do governo à ideia de “interesse da nação”, que legitimaria a aprovação de qualquer iniciativa do Estado; a intervenção do Estado no sistema legal; a administração e manipulação da *mídia* e a crescente tendência na direção de um estado de segurança, em que as vozes de oposição são submetidas a dispositivos de constante vigilância, censura e repressão na *mídia*.

A defesa de Thompson das políticas de libertação também incorpora sua preocupação com a questão da luta de classe, sem dúvida um dos eixos de sua obra. Suas primeiras colocações sobre esta máxima socialista e o papel da ideologia na manipulação da consciência de classe, nessa fase, aparecem em seu artigo de 1960, “Outside the Whale” (“Fora da Baleia”), paráfrase a um artigo de George Orwell, “Inside the Whale”.² O que mais o incomodava era a surpreendente apatia popular face a possibilidades tão catastróficas.

Para Thompson, essa situação explicava-se pelo fato de que, desde 1945, um consenso popular fora arquitetado e construído em torno dos termos da polaridade da guerra fria. Ortodoxias e ideologias se formaram e desenvolveram uma consciência com vistas a confirmar a polarização. Na União Soviética, a ideologia foi efetivamente definida como antiimperialismo.

No Ocidente, forjou-se uma ortodoxia mais flexível, pragmática e por isso mais difícil de ser definida.³ Esta aparente flexibilidade ocorria provavelmente por ser

² Cf. Thompson, E. P. (1978, p. 1-34). Sua publicação original foi em Thompson, E. P. et al. (ed) (1960), *Out of Apathy*. Por questões de espaço, o artigo foi reduzido para a coleção de 1960 e sua importância pode ser avaliada pelo número de revisões a que foi submetido, inclusive de alguns argumentos, até sua reedição em 1978 em *The Poverty of Theory...* A respeito, ver nota de Thompson, E. P. (1978, p. 399).

³ Vale lembrar, Ocidente ou “Natopolis”, segundo o sarcástico batismo de Thompson – uma ironia em relação ao poder exercido pela NATO (North Atlantic Treat Organization) ou OTAN (Organização do

sustentada por uma falácia, a ilusão de que não haveria no Ocidente nenhum tipo de ortodoxia e que a liberdade de expressão para todos *era* o sistema que prevalecia. Por essa razão, os autocratas de Washington poderiam pretender falar de um “mundo livre”.

Thompson (1978, p. 3) considera que o *locus* da força da ideologia “natopolitana” é, exatamente, a manipulação da consciência popular. O resultado da manipulação desse consenso foi uma apatia geral que operou a favor dos interesses das ideologias dominantes, ao mesmo tempo em que aprisionou os “centros de ação”. Thompson (1978, p. 3-4) acredita que longe de formar um ambiente deliberadamente conspiratório, essa tendência hegemônica seria produto de sua própria lógica.

A seu ver, a hegemonia ocidental construiu, em sua base ideológica, um violento “determinismo moral”, espelho do stalinismo soviético, espelhamento disfarçado no fomento de uma fictícia e maniqueísta luta do bem contra o mal em nome da humanidade. No Ocidente, o “sistema” promoveu um “estado de defesa” contra o “comunismo”. Nessa linha de argumento (Thompson, 1978, p. 11), criou-se, no Ocidente, a noção de um inimigo sempre presente, um gigante científico, a sociedade soviética, bem sucedida, mas fortemente predadora. A ameaça tinha endereço certo: o comunismo revolucionário, uma força que avançava –aparentemente, de forma triunfante –, sobre Cuba, o então Leste Europeu e os países em desenvolvimento.

Na visão de Thompson (1978, p. 11-12), era necessária uma “economia de guerra permanente” enquanto se maquiava a cultura “natopolitana” para preencher um vácuo e justificar o *status quo*. O constructo ideológico chegava quase a um fundamentalismo em sua “cruzada contra o mal” e, em uma espiral de dependência ideológica, o stalinismo (ou a “ideia satânica”) torna-se a justificativa funcional para o “natopolitanismo”. A ideologia “natopolitana” foi cuidadosamente promovida (sobretudo pelo governo inglês) de modo a expressar, ao mesmo tempo, desencanto e tradição. Promove-se um desencanto niilista, a crença de que as pessoas seriam impotentes para atuar no processo histórico e influir em possíveis mudanças. Sob essa coerção, muitos sacrificaram seu poder de ação.

Thompson e seus companheiros da primeira geração do movimento da *new left* (“nova esquerda”) – como Raphael Samuel, Peter Worsley e Kenneth Alexander – denunciam que esse controle hegemônico da sociedade ocidental era na verdade uma

Tratado do Atlântico Norte). Com a mesma ironia, Thompson emprega as expressões “natopolitana” e “natopolitanismo”.

preparação para a guerra. Não obstante, Thompson permanece otimista, acreditando que a partir do pessimismo reinante e das divisões decorrentes da Guerra Fria poderia vir a prevalecer uma verdade *humana e radical*. Essa verdade, segundo Thompson e seus companheiros, se expressara na (então) Europa Oriental pelos “eventos de 1956” e no Ocidente pela negação da ideologia “natopolitana” presente na ação dos movimentos pacifistas e na Campanha pelo Desarmamento Nuclear (Campaign for Nuclear Disarmament/CND). Thompson reconhecia um “humanismo rebelde” nesse movimento que se colocava na contracorrente dos problemas causados pela situação de passividade, do crescente aumento dos mecanismos de controle estatal e da proliferação dos armamentos nucleares.

De acordo com Thompson (1980, p. 1-10), o contexto de maior fechamento político (a administração do Partido Conservador inglês na década de 1980 e a primeira metade dos anos de 1990, sobretudo a administração de Margareth Thatcher), as perspectivas menos ortodoxas eram geralmente recebidas com cautela pelo *establishment*, em particular as que divulgavam ou discutiam idéias políticas novas ou radicais. A união entre o Governo e o poder dos meios de comunicação foi capaz de, sistematicamente, barrar ou marginalizar a implementação de políticas de tendência radical.

Assim como ocorreu com a CND – que no início dos anos de 1960 ganhou o apoio de amplas camadas da sociedade –, a “heresia” do não-ortodoxo não mais lhe permitia alcançar um público maior, o que levou esse movimento a perder espaço e suporte e ser incluído entre as matérias ou temas proibidos pela direção da mídia britânica. Na mídia, o dissenso não poderia aparecer como uma perspectiva coerente, competente, confiável ou legítima.

O governo Thatcher, empossado em 1979, deu início a uma contínua e sistemática revogação de liberdades, em especial, as conquistadas pela classe trabalhadora ao longo de décadas de luta (Thompson, 1980, p. ix-x). A erosão dos direitos adquiridos, tanto sob a administração do *Conservative Party* quanto do *Labour Party*, acabou por encerrar a sociedade britânica em um casulo reacionário. Para Thompson (1980, p. ix), a mídia teve forte influência nesse fechamento, estabelecendo o consenso e criando uma situação de apatia e subserviência, fato que facilitou o ataque governamental aos direitos e meios de subsistência das pessoas que, ironicamente, haviam elegido esse mesmo governo como seu representante. O servilismo agressivo à

Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) é, para Thompson (1980, p. x), um bom exemplo das condições da época.

Em “The State of the Nation”, Thompson (1980, p. xi) preocupa-se ostensivamente em expor a gravidade do controle do Estado e, ao mesmo tempo, em chamar a população às armas contra essa tendência autoritária.

Dirige-se a um público amplo (esquerda e democrata), levando em conta que desde 1968 os grupos oposicionistas ingleses haviam se fragmentado, tornando-se sectários, ou organizando-se por segmentos sociais (homossexuais, mulheres, etnias,...), movimentos e grupos pacifistas e, portanto, lançando campanhas e movimentos dirigidos ou com temáticas específicas (contra a Guerra Fria, pela paz, a ameaça nuclear, etc.).

Nesse contexto formavam-se também o que Thompson denominou “culturas alternativas de esquerda” e ele considerava que a base sectária sobre a qual esse processo se desenvolvia, poderia reduzir os potenciais de união, coerência ou resistência, na medida em que dispersava os recursos – materiais, emocionais, logísticos – em uma variedade de assuntos e campanhas. Thompson propõe que os movimentos e grupos alternativos promovam uma resistência coletiva para agir em um *teatro* nacional de conflito. Essa estratégia significa que “cada um dos grupos da esquerda deva ter para consigo as responsabilidades dos outros grupos, sem perder nenhum de seus princípios”. Em suas palavras (1980, p. xi-xii):⁴

A noção primordial que tem circulado é a de que cor, gênero ou preferências devem ser sempre, em qualquer circunstância, os principais fatos existenciais, os que têm sempre primazia e que essas diferenças constituem barreiras quase insuperáveis, inibindo a ação política comum em uma centena de outros tipos de situações. [Essa noção] pode ter premissas válidas como ponto de partida. Mas quando pressionada em demasia [levada ao limite], e quando, coletivamente, os que estão sob a ameaça de uma guerra nuclear ou da perda de seus direitos e de seu trabalho, ou estão sob uma exploração econômica comum, [essas pessoas] não podem mais efetivamente trabalhar juntas, uma vez que nutrem essas diferenças primárias com ressentimentos, o que pode vir a ser um perigoso divisor. E indicar, ademais, o fim de importantes (...) tradições de políticas radicais e socialistas dos trabalhadores.

⁴ Cf. Bess, M. (1993, p. 124); em correspondência com Bess, Thompson observou que os marxistas precisavam incorporar todas as perspectivas em uma ética única de democracia, afirmando também que “o marxismo sempre subestimou religião, nacionalismo e formações de gênero”.

Frente a uma manipulação política tão bem sustentada e difundida em toda a mídia tornava-se indispensável articular uma agenda democrática e encontrar formas mais criativas de atingir o público. Ao lado de Stuart Hall e Raymond Williams (e outros como Tony Benn e Michael Foot), Thompson (1980, p. xiii) reclama a reconstrução de um *front* popular efetivo e vigoroso, reminiscência do movimento que ele admirava nos anos de 1930.

Enfrentando o *Status Quo* da Guerra Fria

As iniciativas do Governo Thatcher de implementar o monetarismo, associadas à efetivação de uma política neoliberal, ao mesmo tempo em que eram adotadas medidas agressivas com vistas a administrar a crise com a Argentina e a guerra das (Ilhas) Malvinas, certamente justificam o tom pessimista de Thompson. Esse pessimismo se manifestou em um polêmico artigo publicado em *The Times* (29 de abril de 1982), “The War of Thatcher’s Face”, três semanas após o início do confronto (2 de abril). Nesse artigo, Thompson (1982, p. 191) descreve a natureza hipócrita da política da guerra fria, que possibilitava, e até mesmo incentivava a alguns países do Ocidente, manter um relacionamento amigável com a ditadura argentina e a lhe vender armas, sem nenhum constrangimento moral ou político:⁵ “O mundo avançado não pode seguir despejando armamentos no Terceiro Mundo e esperar que tudo continue o mesmo. Não podemos ter certeza de que essas armas serão usadas somente para matar seu próprio povo ou (...) reprimir seus pobres”. Thompson percebeu a “guerra das Malvinas” como uma das mais significativas consequências dessas vendas.⁶

Ainda como parte dessa estratégia, a imprensa britânica desenvolvia uma “doutrinação subliminar” que conduzia a um consenso sobre o tema dos mísseis, levando a população a acreditar que as decisões haviam sido efetivamente formuladas

⁵ O termo “autoritária” era o mais usado pela mídia, depois substituído por “totalitária”. Nessa inflexão, não convém esquecer a invasão do Timor Leste, pela Indonésia, em 1975, incentivada pelos Estados Unidos, e subsequente genocídio praticado com armas de fabricação inglesa.

⁶ Ou talvez o último momento de outro processo: no caso o fomento sistemático de golpes de Estado nas Américas Central e do Sul (sobretudo de caráter militar), em especial por parte dos Estados Unidos, durante as décadas de 1960 e 1970, e a posterior sustentação dos regimes advindos desses golpes, processo do qual a Inglaterra também participou. Em seus artigos, Thompson faz poucas referências a esses fatos *nessa perspectiva*. Contudo, apesar de sua defesa do internacionalismo e do diálogo internacionalista (Thompson, 1978, p. iv), e de se referir à América Latina como um “continente

no país. Na verdade, porém, sequer foram debatidas no Parlamento, embora sustentadas por um consenso nacional.

Convém lembrar, por exemplo, que a BBC não autorizou que Thompson participasse de um programa especial (*Dimbleby Lecture*) sobre os movimentos pela paz e a campanha antinuclear, coordenado pelo jornalista político Jonathan Dimbleby, em 1981. O texto dessa palestra não realizada deu origem a seu livro-panfleto *Beyond the Cold War*, em 1982.

Thompson denuncia que, ao prover a informação para o consumo público, o sistema – governo, imprensa, etc. – acabava convencendo a opinião pública de que determinados temas eram de interesse nacional. O domínio da informação permite ao sistema regular e controlar o questionamento a ele dirigido. No entanto, observa Thompson (1980, p. 263), foi possível que outras vozes mobilizassem setores da sociedade, como ocorreu no apoio ao movimento da CND, em Aldermaston.⁷

No contexto da guerra fria, a Grã-Bretanha havia assumido o papel de base avançada da OTAN.⁸ Frente a um eventual ataque da então União Soviética, o objetivo era diversificar os alvos, de modo a evitar um ataque concentrado nos Estados Unidos. Nesse cenário, o povo britânico (como o russo) seria a principal vítima do conflito. Segundo Thompson (1980, p. 267), a subserviência aos Estados Unidos constituía a principal contribuição britânica à OTAN e os que se opunham a essa posição eram considerados rebeldes e opositores do consenso. A retórica da guerra fria retoma, naquele momento, a tônica da perseguição ao inimigo interno. A resposta de Thompson a esse controle sistemático reitera suas posições e a de seus companheiros desde os

generoso” (em um poema de sua autoria em homenagem a Salvador Allende, cf. Thompson, E. P. (1985, p. 278)), essa questão não aparece como uma de suas preocupações principais.

⁷ Em Aldermaston, Berkshire, localiza-se uma Atomic Weapons Establishment (AWE), uma planta onde, desde 1950, são realizadas pesquisas e desenvolvidos artefatos nucleares. As manifestações populares da CND contra a instalação de armas norte-americanas em Aldermaston ganharam destaque em 1961, com passeatas em Londres e Glasgow durante a transferência de um submarino nuclear dos EUA, carregado de 16 mísseis atômicos Polaris, para Holy Loch, Escócia. A principal marcha ocorreu em 31 de março, partindo de Aldermaston e Wethersfield, estendendo-se até 3 de abril, quando o protesto encerrou com o cerco à embaixada norte-americana em Londres. Como desfecho da marcha, a polícia dissipou os manifestantes sob coerção física, prendendo 31 pessoas. Na ocasião, Bertrand Russell, um dos organizadores do movimento, expressou um de seus objetivos afirmando que “nós permanecemos juntos a favor da sanidade em um mundo que enlouqueceu”. Cinco meses depois, durante uma manifestação em Trafalgar Square (Londres), Russell (de 89 anos) e sua esposa seriam detidos e condenados a uma semana de prisão – cerca de 1.000 participantes também foram presos e condenados a penas maiores por se recusarem a “manter a paz” (sic).

primeiros dias da CND, quando ainda acreditava que uma *razão democrática e popular* pudesse prevalecer.

Segundo Thompson (1980, p. 272), as linhas básicas da política de neutralidade ativa, advogadas desde os primeiros momentos da *new left*, foram discutidas nos conselhos da CND e novamente defendidas no “Manifesto de 1º de Maio” (*May Day Manifesto*), em 1968.⁹

Thompson (1980, p. 273-274), em artigos do final de 1979, apresenta cinco hipóteses principais (ou “teoremas”, como preferia), que poderiam sustentar essas linhas básicas. A primeira hipótese é a da instabilidade do *status quo* nuclear e a da probabilidade de que fosse desencadeada uma guerra nuclear global; a segunda, a de que esse *status quo* é um “estado degenerativo”, na medida em que supõe políticas “confidenciais”, burocráticas e autoritárias; a terceira, que essa condição havia desenvolvido interesses industriais, militares e econômicos – com fortes características cartelizadas ou monopólicas – que deveriam ser mantidos. Nesse contexto, os dois países líderes dessa polaridade (União Soviética e Estados Unidos), embora em campos opostos, constituíam um “interesse comum”, marcadamente antidemocrático e não hesitavam em reprimir eventuais iniciativas de oposição.

A quarta hipótese afirma que uma *détente* (distensão) não iria emergir “de cima”, uma vez que, como Thompson assinala, “o estado de permanente terror favorece a conquista de poder interna e externamente a essas elites”. Finalmente, a quinta indica que o caminho mais viável para a desarticulação do sistema só poderia ser um ataque a partir de baixo. Thompson acredita na importância de uma iniciativa popular baseada na neutralidade ativa, juntamente com outros movimentos antinucleares, de modo a encorajar a “dissidência” através da Europa.¹⁰

Coerente com sua defesa do humanismo, Thompson (1980, p. 275) observa: “Nós já estamos em risco – Grã-Bretanha, Europa, civilização, o projeto humano (...)”. Essa colocação indica a convicção de Thompson sobre a necessidade de maior apoio

⁸ Cf. Thompson, E. P. (1980, p. 267), citando artigo de Sir James Goldsmith, *Now!*, 9-15 de novembro de 1979.

⁹ Cf. Williams, R. et al. (ed) (1968). *May Day Manifesto*.

¹⁰ Cf. Thompson, E. P. (1980, p. 277-282) “European Nuclear Disarmament”, originalmente em *The Guardian*, 28 de janeiro de 1980; (1982a, p. 109-112), “A Show for the European Theatre”, originalmente em *The Guardian*, 23 fevereiro de 1981. E (1982b, p. 119-122), discurso no Hyde Park, Londres, 24 de outubro de 1981.

para um novo grupo, o European Nuclear Disarmament (END)¹¹ – um movimento pan-europeu destinado a combater os interesses políticos e militares de soviéticos e norte-americanos na Europa, idealizado por Ken Coates, também ativista da Bertrand Russell Peace Foundation.¹²

Na perspectiva de Thompson (1982, p. 10-11), o conflito dependia do antagonismo e da retórica dos irreconciliáveis sistemas militares e industriais dos dois blocos: “Cada um deve ser motivado, em sua natureza inerente, pelo desejo de vencer o outro. Só o temor mútuo de dissuasão poderia adiar uma confrontação total”.¹³ Thompson (1980a, p. 28) prossegue:

[A] dissuasão não é uma condição imóvel, fixa, é um estado de degradação. (...) Tem contido a exportação de violência contra o bloco oposto, mas, ao proceder assim, o poder repressivo do Estado (se volta) contra seu próprio criador. A violência reprimida tem sustentado e agido sobre a economia, a política, a ideologia e a cultura dos poderes antagônicos. Essa é a estrutura profunda da guerra fria.

Essa seria a lógica de justificação para a guerra fria e para a reprodução da corrida armamentista. Thompson (1982, p. 14-16) acredita que, no Ocidente, a culpa caberia à supremacia norte-americana e à falta de vontade de seus satélites europeus em rejeitar essa situação e a mentalidade aí contida. Isso porque, ainda segundo Thompson (1982, p. 14-15), a diplomacia norte-americana, respaldada em seu poderio militar, valia-se muito de seu poder de veto, o que impedia a existência de qualquer dissenso por parte dos países europeus. É esse, aliás, o contexto da proposta de um “atlanticismo”,

¹¹ (Apelo ao/ou Campanha pelo) Desarmamento Nuclear Europeu (END). A partir daqui citado pelas iniciais.

¹² O END foi criado para ser um “coletivo” que proporcionasse uma teoria geopolítica alternativa para movimentos sociais em luta contra o potencial extermínio da raça humana, além de um movimento pacifista contra as armas de destruição de massa e a favor dos direitos humanos e da preservação ecológica. Em um processo liderado por Thompson, o grupo reuniu os principais líderes da CND, da International Confederation for Disarmament and Peace e Pax Christi. O END diferenciava-se da CND por propor uma perspectiva mais internacionalista na análise da corrida armamentista e tentar coordenar e divulgar a luta por um projeto alternativo para toda a Europa.

¹³ O termo “deterrence” tem uso corrente como “dissuasão”, tanto na imprensa como na bibliografia em português. Expressa a política ou prática de armazenar armamentos nucleares, por parte de uma nação, para deter o ataque nuclear de uma outra; expressa também uma política de *dissuasão* e um projeto de limitação de armas nucleares a longo prazo. (“Each must be motivated, of its own inherent nature, by the desire to vanquish the other. Only the mutual fear of ‘deterrence’ can stave off a total confrontation”).

sob a dominação dos Estados Unidos, não questionada na Grã-Bretanha, nem mesmo pelo supostamente oposicionista *Labour Party*.

Thompson demonstra como a guerra fria, independentemente de suas origens após a Segunda Guerra Mundial, parecia operar com uma dinâmica própria, uma lógica interna e um conjunto específico de argumentos, o que ocultava o forte interesse dos Estados envolvidos em sua continuidade.

Thompson (1982, p. 17) percebe que a *reciprocidade* das relações entre Estados Unidos e União Soviética era fundamental a essa lógica, um contexto no qual uma forma de ação antagônica deveria ser sistematicamente igualada pelo antagonismo da resposta.¹⁴ Esse procedimento, a seu ver, era determinante para que “os estabelecimentos militares e de segurança fossem auto-reprodutivos”.

Da mesma forma, Thompson (1982, p. 17-18) tem consciência de que a ideologia e a retórica que acompanhavam tal dinâmica eram inerentes ao processo e reproduziam-se a si mesmas, não só porque “os serviços militares e de segurança, e seus funcionários públicos, precisam da guerra fria (e) têm um interesse direto em sua continuidade”, mas também porque no interior dos países satélites cada movimento político ou militar deveria ser aprovado pelos governos de Washington ou Moscou, o que reforçava os mecanismos de dominação de ambos os centros.

Para desenvolver essa argumentação, e explicar os perigos do processo político e ideológico contido na guerra fria, Thompson introduz a metáfora da alteridade do Outro. Assim, a unidade necessária na “frente doméstica” pode ser explicada também em termos de preocupação e medo em relação aos “outros”, à ameaça representada pelos “outros”, consolidando, dessa forma, uma noção geral de “nós” em oposição a “eles”. Ao perceber o “outro”, “nós” podemos nos distinguir em relação a ele e, se o “outro” for construído como uma ameaça, o vínculo entre “nós” é reforçado.

Thompson (1982, p. 18) observa que esse “vínculo por exclusão” é intrínseco à socialização humana. E é tão fundamental para a formação e a consciência de classe quanto para a construção de uma nação ou para sujeitar as pessoas a uma ideologia. Esse processo, porém, estabelece uma ameaça e, no limite, faz crescer o ódio pelos “outros”.

¹⁴ Cf. Thompson, E. P. (1982a, p. 332): Thompson não propunha uma *identidade* entre os blocos, mas sim sua *reciprocidade*: a interação de ambos os blocos criava um “problema nuclear” internacional e uma situação de equivalência entre eles, *em relação a esse problema*.

Nas polêmicas da guerra fria essa cultura foi artificialmente invocada para assegurar os interesses dos respectivos blocos. Ambas as culturas e identidades nacionais (soviéticas e norte-americanas) entrelaçaram-se nas premissas ideológicas do conflito, ao mesmo tempo em que as aprofundaram cada vez mais. A guerra fria contribuiu, nesse sentido, para introjetar o americanismo na população dos Estados Unidos (e na de outros países, de certa forma), a reforçar o mito do sonho americano (*American dream*), tornando-o uma atração em oposição à imagem de tirania do “outro” mundo, tirânico e sem liberdade.¹⁵

Da mesma forma, a União Soviética representava-se a si mesma como a defensora do socialismo e o Partido como o titular da resistência ao imperialismo do Ocidente, não obstante a repressão sistemática a todo dissenso, em qualquer nível. Entretanto, nenhum dos mundos era “o melhor dos mundos”, ambos apresentavam novas definições sobre a condição do “outro” – e a necessidade da guerra fria novamente revelava-se e regenerava-se a si mesma. Thompson (1982, p. 23) reconhece que:

É uma condição permanente, auto-reprodutora, à qual ambos os adversários estão dedicados. Os estabelecimentos militares dos adversários encontram-se em uma relação recíproca de fomento mútuo: cada um estimula o crescimento do outro. Ambos os adversários precisam manter uma atitude ideológica de hostilidade, como meio de forçar a disciplina ou a coesão interna.

Protestar para Sobreviver

Muitos militantes de esquerda na Inglaterra, ativos na campanha pelo desarmamento unilateral, chegaram à conclusão, nos anos de 1980, que havia um problema central na balança de poder criada pela guerra fria. Entre outros aspectos, a evidência demonstrava que nenhum dos blocos em antagonismo poderia “ganhar uma guerra”. A luta definia-se em outro patamar, concentrando-se no questionamento e no enfraquecimento do processo e de suas premissas ideológicas. Para Thompson (1982, p. 25), a Europa era o ponto de tensão do sistema da guerra fria. Segundo ele:

¹⁵ Cf. também Gramsci, A. (1972, p. 285-323), seu clássico ensaio “Americanismo e Fordismo”, in *Notas sobre Maquiavelo, sobre la política y sobre el Estado moderno*.

Pela primeira vez, desde a Resistência do período da guerra, há um espírito circulando na Europa que carrega uma aspiração transcontinental. O Outro que nos ameaça está sendo redefinido – não como outras nações, nem mesmo o outro bloco, mas como as forças que levam ambos os blocos à autodestruição; não “a Rússia” ou “os Estados Unidos”, mas suas instituições ideológicas, militares e de segurança, e suas oposições ritualísticas.

O programa desenvolvido pelo END na década de 1980 procurou organizar um novo radicalismo popular capaz de enfrentar as motivações da guerra fria e seu *status quo*. Seu projeto era o de avaliar e estabelecer a autonomia da Europa e garantir as condições de sua manutenção. O movimento considerava o cenário do “teatro” europeu como um todo, ocupando uma posição única, pois oferecia pontos de acesso para o desenvolvimento de um processo de deslegitimação da guerra fria, a partir da própria arena de embate entre União Soviética e Estados Unidos.

A contribuição mais significativa de Thompson nos debates sobre a guerra fria – mas sobretudo contra a “corrida armamentista”, a “ameaça nuclear” e em nome da organização de grupos e movimentos pacifistas –, nessa época, talvez seja o ensaio (*Protest and Survive*), de 1980, em resposta ao documento do governo conservador inglês, *Protect and Survive*, sobre como se proteger no caso de um ataque nuclear.¹⁶

No ensaio (*Protest and Survive*), Thompson antevê a Europa não como um “teatro de guerra”, mas como o “teatro da paz”, resultante de pressão popular democrática.¹⁷ Para isso acontecer, entretanto, seria necessária uma *détente*

¹⁶ Cf. Thompson, E. P. (1980a, p. 33). A publicação do *Manifesto* foi patrocinada pela Bertrand Russell Peace Foundation e pela CND. Cf. também Kaye, H. (1984, p. 218), onde ele traça um paralelo entre Thompson e Tom Paine no uso do formato de panfleto (*pamphlet*) para divulgar uma mensagem radical e atingir um público mais amplo. Cf. também entrevista de Thompson e Cory Coll, conduzida por Harry Kreisler, do Institute of International Studies, Berkeley, em agosto de 1983, sobre “armas nucleares, corrida armamentista e os movimentos pela paz”, editada por Jon Stewart em *California Living*, Sept. 11, 1983. Cf. <http://globetrotter.berkeley.edu/conversations>

¹⁷ Thompson formulou suas ideias sobre a política como teatro, como representação do poder, e sobre o contrateatro no protesto dos movimentos populares, em seus trabalhos dedicados às formas de rebelião nas sociedades pré-industriais e nos primeiros momentos do movimento operário. Cf. Thompson, E. P. (1974, p. 383-405), “Patrician Society, Plebeian Culture”, in *Journal of Social History*, e (1998, p. 25-85), “Patrícios e Plebeus”. A esfera teatral do exercício do poder político busca conformar os governados, manter seu consentimento, ativo ou passivo; perpetuar o respeito às normas, valores e símbolos; fixar os limites do politicamente possível e tolerável. Constitui parte fundamental da hegemonia, domínio não baseado diretamente na coerção material. Cf. Thompson, E. P. (1982a, p. 8-11) a seção “O ‘Teatro do Apocalipse’”, de seu ensaio “Notas sobre o Exterminismo”, para se avaliar a relação entre a ideia de teatro e a lógica da estrutura da guerra fria.

internacional que assegurasse um futuro independente do sistema de guerra. Ou seja, uma vez definida uma estratégia, as contradições do papel da Europa na guerra fria poderiam ser usadas contra os “guerreiros” em Washington e Moscou.

A construção dessa estratégia demandou tempo e dedicação de Thompson ao longo dos anos de 1980 e encorajou, também, várias formas de resistência popular. Uma resistência necessária porque, afirmava ele, a política da guerra fria se estruturava de tal maneira que a idéia de *extermínio* da sociedade era perfeitamente coerente com a lógica do processo.

Nesse contexto, já em 1980, Thompson (1982a, p. 4-5), percebendo “a existência de uma dinâmica interna e uma lógica recíproca que requerem uma nova categoria de análise”, elabora o conceito de *exterminismo*, inspirado em uma afirmação de Marx e, a seu ver, adequado para examinar a lógica e a dinâmica dessa nova realidade:

Se o moinho manual nos dá a sociedade com o suserano; o moinho a vapor, a sociedade com o capitalista industrial, o que nos é dado por esses satânicos moinhos em operação atualmente, triturando os meios de extermínio humano? Já cheguei a esse ponto de reflexão mais de uma vez, mas virei minha cabeça, desesperado, em outra direção. Agora, quando examino o problema diretamente, concluo que a categoria de que precisamos é a de *exterminismo*. (Grifo no original)

Em termos teóricos, o aspecto mais controverso da interpretação de Thompson sobre o sistema da guerra fria é sua rejeição das noções de imperialismo e militarismo, associadas, segundo ele, a circunstâncias convencionais ou específicas, cada uma expressando diferentes níveis ou aspectos de uma crítica ao capitalismo: conceitos inadequados, portanto, para a análise da guerra fria. Segundo Thompson (1982a, p. 1-2), ambos traduzem um forte conteúdo ideológico e, em sua formulação, expressam a ideia de um “sistema”, racional de início, mas que eventualmente pode provocar sua própria implosão irracional.¹⁸

Thompson (1982a, p. 332-338) sustenta que:

¹⁸ Cf. Thompson, E. P. (1982a, p. 1-2). Ele comenta, mas sem maiores detalhes, que “a Primeira Guerra Mundial e o colapso do nazismo seriam exemplos de militarismo e imperialismo caminhando na direção de seus próprios fins”.

Necessitamos uma categoria nova [exterminismo] para definir esta época clara de história nuclear-confrontacional, e nunca é pouco dizer que isto não significa, mediante um gesto de varinha mágica, que seja necessário renunciar a todas as categorias anteriores ou que não funcionem mais todas as forças históricas anteriores. (...) Não se trata simplesmente de uma questão de força: é uma questão de legitimidade. Ali onde nenhuma forma de poder está legitimada pela responsabilidade civil e por um processo aberto como é devido, pode ocorrer que uma forma de poder dê lugar a outra. Cada uma destas formas de poder é tão legítima ou ilegítima quanto a outra.

O exterminismo da guerra fria se baseia na dinâmica do sistema de armamentos. Embora pareça um movimento racional, no qual os agentes participantes tomam decisões aparentemente racionais, como assinalamos, no âmago do processo desenvolve-se uma lógica perversa, um sistema de autogeração e um estado generalizado de inércia na direção da destruição total.

Para além do imperialismo e do militarismo, os sistemas correspondentes a esses blocos podem ser vistos como complexos militares e industriais que a população civil teria interesse em sustentar (por meio de investimentos, impostos, quotas de trabalho, etc.). Para reproduzir o sistema, as elites governantes, segundo Thompson (1982a, p. 22),

passaram a precisar de uma situação permanente de guerra, de modo a legitimar sua dominação, seus privilégios e prioridades; para silenciar o dissenso; para exercer a disciplina social e desviar a atenção da evidente irracionalidade da operação. Eles se habituaram tanto a esse modo, que não conhecem outro modo de governar.

Em sua lógica perversa, o processo político serve tão-somente para legitimar e justificar sua própria reprodução. Thompson lembra que sua geração testemunhou a guerra – inclusive o bombardeio nuclear sobre o Japão – e concorda com C. Wright Mills que “a causa imediata da Terceira Guerra Mundial é a sua preparação”.¹⁹ Ambas as guerras anteriores foram previsíveis, assim como as guerras no Terceiro Mundo.

A “tecnologia do apocalipse” oferece sua própria previsibilidade: o extermínio da civilização no hemisfério norte. À sombra dessas colocações, Thompson insiste na

¹⁹ Cf. Wright Mills, C. (1958), *The Causes of World War Three*, New York: Simon & Schuster, p. 47.

formação de uma nova consciência.²⁰ A questão da luta de classe permanece fundamental, mas o imperativo agora é o da salvação da própria *humanidade*, ou seja, com a perspectiva do exterminismo a causa se redefine.

A lógica exterminista, elaborada na perspectiva do confronto com o “outro”, e as relações de poder que engendra devem ser sabotadas, combatidas e superadas, e insiste, a resistência popular é a que poderia apresentar uma alternativa humana viável.

Embora caracterizados por um profundo pessimismo e uma perspectiva apocalíptica rara em sua obra, os ensaios de Thompson sobre exterminismo concluem com uma visão mais otimista e a formulação objetiva de propostas para reverter a situação analisada – ainda que sempre priorizando o cenário europeu. Ao final de seu artigo, *Notes on Exterminism...*, Thompson (1982a, p. 30) conclama:

Dê-nos a vitória [nesse processo] e o mundo começará a se mover outra vez. Comece a quebrar esse campo de força e os 30 anos de impedimentos à mobilidade da política europeia (...) irão ceder. Nada irá acontecer natural ou facilmente (...): mas se afastarmos esses blocos da rota de colisão, eles mesmos começarão a mudar. A polícia e os fabricantes e vendedores de armas irão começar a perder sua autoridade e os ideólogos perderão suas falas. Um novo espaço para a política irá se abrir.

Considerações Finais

Uma das principais motivações de Thompson em sua luta pelo fim da guerra fria, e pela causa humanista e pacifista, é o de reafirmar o imperativo da razão humana.²¹ Daí o protesto, o questionamento, as críticas contundentes contra o absurdo da corrida armamentista, a importância de colocar em xeque sua necessidade e prioridade.

Do ponto de vista da lógica histórica, Thompson (1982, p. 1) considera que o processo poderia ser submetido a uma estrutura racional de análise, mas o objeto, no momento da guerra fria, tornava-se ele próprio irracional. Adverte: sendo o presente

²⁰ Cf. Bahro, R. (1982a), “A new approach for the peace in Germany”, in Thompson, E. P. (ed.) (1982a), p. 87-116.

²¹ A problemática da razão é um tema recorrente na obra de Thompson e fundamental para seu entendimento. A motivação básica de Thompson em escrever *A Miséria da Teoria* foi o resgate da razão, a seu ver, ameaçada teórica e politicamente pelo estruturalismo, por Althusser e seguidores, e pela correlata crise no interior do marxismo. No “Prefácio”, na primeira parte de *A Miséria...*, e em sua “Carta Aberta a Kolakowski”, percebemos a dimensão de sua angústia quanto ao problema. Cf. Thompson, E. P. (1978, p. i-v; 131; 193-194).

historicamente determinado, está sujeito a uma análise racional, mas a permanente militarização e os avanços tecnológicos no campo das armas de destruição formam uma massa crítica próxima do ponto de uma detonação irracional. Sua conclusão (1982, p. 24) era simples, a de que “essa lógica seria terminal, se não corrigida”.

Para destacar o sentido de sua advertência, Thompson conclama na abertura de seu ensaio (1982a, p. 1), “Notas sobre o exterminismo, o estágio final da civilização”: “Camaradas, precisamos de uma análise válida, teórica e de classe, da atual crise bélica. Sim. Mas estruturar uma análise racional sucessiva pode, ao mesmo tempo, impor uma racionalidade de conseqüências ao objeto de análise. E se o objeto é *irracional*?”.

Observa ainda (1982a, p. 1) que “usa ‘racionalidade’ nessas ‘Notas’ para designar a busca racional do interesse próprio, enquanto atribuído a uma nação, classe, elite política, etc. Em outra perspectiva, nenhuma dessas buscas precisa se apresentar como racional”. E Thompson (1982a, p. 2) conclui na primeira parte do artigo: “Não posso oferecer mais do que notas, fragmentos de um raciocínio. Alguns fragmentos devem assumir a forma de questões, dirigidas ao imobilismo da esquerda marxista”.²²

Vemos que Thompson procura realizar, mais uma vez, uma “chamada à razão” e convocar seus companheiros para uma nova campanha. Assim, quando Thompson considera o objeto de análise “irracional”, trata-se, ao contrário, de buscar uma nova teoria, referida a uma análise de classe para compreender o que está acontecendo e “agir em conseqüência”. Trata-se, portanto, de buscar a razão, uma racionalidade que possa criar uma estratégia de luta e orientar novas ações contra a situação denunciada. Daí também o apelo de Thompson a seus “camaradas” contra o imobilismo e a apatia – mais uma vez, *out of apathy*.

Thompson (1982, p. 30) complementa:

Devemos correr o risco. Pois só podemos acabar com a guerra fria de duas maneiras: pela destruição da civilização europeia ou pela reunificação da cultura política europeia. A primeira irá acontecer se os grupos dominantes nos superpoderes rivais, percebendo que os argumentos estão mudando (...) e que seus estados-satélites estão se tornando mais independentes, terminarem por compensar essa perda de influência política e econômica com um aumento de medidas de militarização. Isto é (...) o que está acontecendo agora. O resultado será terminal. Mas podemos enxergar uma

²² Cf. Thompson (1985a, p. 17).

pequena abertura na direção da outra alternativa. E se acreditamos que essa alternativa seja possível, então devemos redefinir nossas prioridades. Não devemos investir mais nada em mísseis, mas sim o máximo em nossa capacidade de comunicação e diálogo.

De fato, Thompson não chegou a formular uma nova teoria como pensou e a categoria de exterminismo não responde à sua inquietação e às perguntas e necessidades formuladas. Mas sabemos que pode expressar o processo de transformação das relações sociais e deve ser compreendida em função da lógica histórica por ele pensada.

Não obstante, as advertências de Thompson em seus textos sobre o exterminismo soam visionárias, tragicamente atuais. Talvez menos pela ameaça de uma guerra nuclear, mas pela permanente capacidade de o capitalismo alimentar novas formas de violência em suas relações, *como é próprio de sua lógica*.

Adaptando as palavras de Pedro Benítez Martin (1996), “é imprescindível, portanto, aprofundar os caminhos abertos por Thompson. Mas devemos fazê-lo renunciando à intransigência e ao dogmatismo, sempre criticados por ele. Se o fizermos, os méritos de Thompson irão adquirir um significado ainda maior; mas, acima de tudo, faremos que avancem a disciplina histórica e as lutas sociais”.

Referências

- BENÍTEZ MARTÍN, Pedro (1996). *E.P. Thompson y la historia: un compromiso ético y político*. Madrid: Talasa.
- BESS, Michael (1993). *Realism, Utopia, and the Mushroom Cloud*. Univ. of Chicago Press.
- BESS, Michael (1993a). “E. P. Thompson: the Historian as activist”, *American Historical Review*, n. 98.
- KALDOR, Mary (ed.) (1991). *Europe From Below*. London: Verso.
- KAYE, Harvey (1984). *The British Marxist Historians*.
- LOPES, M. A. e MUNHOZ, S. J. (orgs.) (2011). *Historiadores do nosso tempo*. S. Paulo: Alameda.
- MISSE, Michel e WERNECK, Alexandre (orgs.) (2012). *Conflitos de (grande) interesse: Estudos sobre crimes, violências e outras disputas conflituosas*. Rio de Janeiro: Garamond e FAPERJ, 2012,
- MÜLLER, Ricardo G. (2012). “A ideia de exterminismo em E. P. Thompson: realismo e contradição”. In MISSE, Michel e WERNECK, Alexandre (orgs.). *Conflitos de (grande) interesse: Estudos sobre crimes, violências e outras disputas conflituosas*. Rio de Janeiro: Garamond e FAPERJ, 2012, p. 305-336.
- MÜLLER, Ricardo G. e DUARTE, Adriano (orgs.) (2012). *E. P. Thompson: política e paixão*. Chapecó: Argos e Unochapecó.
- MÜLLER, Ricardo G. e MUNHOZ, Sidnei J. “Edward Palmer Thompson”, in LOPES, M. A. e MUNHOZ, S. J. (orgs.). *Historiadores do nosso tempo*. S. Paulo: Alameda, 2011, p. 31-52.
- THOMPSON, Edward P. et al. (ed.) (1960). *Out of Apathy*. London: Steven & Sons/New Left Books.

- THOMPSON, E. P. (1978). *The Poverty of Theory and Other Essays*. London: The Merlin Press.
- THOMPSON, E. P. (1980). *Writing by Candlelight*. London: Merlin.
- THOMPSON, E. P. (1980a). *Protest and Survive*. London: CND & Nottingham: Bertrand Russell Peace Foundation.
- THOMPSON, E. P. e SMITH, Dan (ed). *Protest and Survive*. Harmondsworth: Penguin, 1980b.
- THOMPSON, E. P. (1982). *Beyond the Cold War*. London: Merlin & END.
- THOMPSON, E. P. (ed.) (1982a). *Exterminism and Cold War*. London: Verso & New Left Books.
- THOMPSON, E. P. (1982b). *Zero Option*. London: Merlin.
- THOMPSON, E. P. (1985). *The Heavy Dancers*. London: Merlin.
- THOMPSON, E. P. *Nuestras Libertades y Nuestras Vidas*. Barcelona: Crítica, 1987.
- THOMPSON, E. P. "Ends and Histories", in KALDOR, Mary (ed.). *Europe From Below*. London: Verso, p. 7-25, 1991.
- THOMPSON, E. P. (1993). *Customs in Common*. New York: New Press.
- THOMPSON, E. P. (1998). *Costumes em Comum*. S. Paulo: Companhia das Letras.
- WILLIAMS, Raymond et al. (ed.) (1968). *May Day Manifesto: 1968*. Harmondsworth: Penguin.